

“A TERRA É MINHA”, DIZ O SENHOR: O QUE TEOLOGIA TEM A VER COM REFORMA AGRÁRIA? – PARTE 2

*João Paulo Thomaz de Aquino**

RESUMO

Este artigo representa a continuação de um estudo sobre as interconexões entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Igreja Católica, iniciado com uma análise crítica da Teologia da Libertação e seus desafios hermenêuticos. Esta segunda parte usa a análise narrativa e a análise histórico-científica para demonstrar que, ao apresentar várias vezes personagens que são ricos proprietários de terras e/ou de casas, Lucas está trazendo uma proposição teológica e uma ética. A proposição teológica é que Deus é o legítimo proprietário de toda a terra (enquanto bem econômico). A tese ética é que, visto que Deus é o dono da terra por excelência, qualquer ser humano que tenha propriedades imóveis deve utilizá-las de maneira altruísta, em contraste com práticas egoístas. Este estudo, portanto, não apenas avança no diálogo entre teologia e prática social, mas também oferece insights valiosos para a reflexão eclesial sobre a posse da terra.

PALAVRAS-CHAVE

Evangelho de Lucas; Proprietário de terra; Narratologia; Caracterização de personagem; Economia agrária romana; MST; Teologia da libertação; Reforma agrária.

* Doutor em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School (2020); doutor em Ministério (CPAJ, 2014); mestre em Antigo Testamento (CPAJ, 2007); mestre em Novo Testamento (Calvin Seminary, 2009). Professor de Novo Testamento no CPAJ e no Seminário JMC. Pastor da Igreja Presbiteriana JMC, em Jandira (SP).

INTRODUÇÃO

Como o título deixa explícito, esta é a segunda parte de um artigo publicado no número anterior de *Fides Reformata*. Nele mostrei como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) tem uma origem ligada à Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e que a vertente teológica específica que gerou tal movimento foi a Teologia da Libertação. Também demonstrei de forma introdutória alguns dos problemas teológicos da Teologia da Libertação, com destaque para a sua hermenêutica histórico-crítica e sua falta de exegese aprofundada dos textos bíblicos. Devemos admitir, no entanto, que os problemas e preocupações levantados pela Teologia da Libertação realmente devem ser alvo de reflexão séria por parte dos cristãos. Assim, neste artigo, apresentamos, novamente de forma introdutória, uma maneira por meio da qual um estudo sério das Escrituras pode nos oferecer respostas para questões sociais de grande importância, mais especificamente, neste caso, a questão agrária.

1. O EVANGELHO DE LUCAS E A QUESTÃO AGRÁRIA: UM ESTUDO DO “PROPRIETÁRIO DE TERRAS” LUCANO

Muitos especialistas em narrativa bíblica e narratologia em geral enfatizam a importância da repetição.¹ Utilizando repetição, um narrador pode, entre

¹ Robert Alter, *The Art of Biblical Narrative*. New York: Basic Books, 2011, p. 111-142. Ressegueie define repetição da seguinte maneira: “A repetição é um recurso estilístico que reitera palavras, frases, temas, padrões, situações e ações para ênfase. Quando a repetição é empregada intencionalmente, ela ‘adiciona força e clareza a uma declaração’ ou motivo. A repetição é comum na literatura bíblica e ajuda a identificar as normas, valores, crenças e o ponto de vista que o narrador considera importante. A repetição também é importante para identificar a estrutura e o projeto narrativos. Uma palavra ou pensamento repetido pode dividir uma passagem narrativa em unidades menores. A repetição ocorre em unidades pequenas, como uma palavra repetida no início de frases ou sentenças consecutivas, ou ocorre em unidades muito grandes, como cenas-típicas narrativas que possuem um padrão definido de eventos repetidos”. James L. Ressegueie, *Narrative Criticism of the New Testament: An Introduction*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005, p. 42. “O uso repetido de uma situação básica sugere que ela tem um interesse especial para o narrador”. Robert C. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts: A Literary Interpretation: The Gospel according to Luke*. Philadelphia: Fortress Press, 1991, p. 171. “A figura total de Jesus e de sua missão está sendo enriquecida por meio de episódios repetidos, similares, cada um dos quais adiciona alguma nova variedade a situações e temas familiares. Tal enriquecimento pode acontecer por meio da repetição de ‘cenas-típicas’, que também pode ser um meio de ênfase narrativa, enfatizando certos aspectos da obra de Jesus por causa de sua importância para o narrador”. Tannehill, *The Narrative Unity of Luke-Acts*, p. 4. “A categoria retórica mais frequentemente utilizada é a repetição, seja no contexto de unidades menores, seja no texto como um todo”. Patrick E. Spencer, *Rhetorical Texture and Narrative Trajectories of the Lukan Galilean Ministry Speeches: Hermeneutical Appropriation by Authorial Readers of Luke-Acts*. T & T Clark, 2007, p. 36. “O narrador reformula cenas, episódios e até palavras específicas para ênfase”. Nicholas Majors, *King-Priest in Samuel: A Messianic Motif*. Eugene: Wipf and Stock, 2023 (e-book). “Na última seção nos esforçamos para mostrar como pontos de vista individuais, do narrador ou de um personagem, podem se manifestar no texto. Agora devemos ver através de quais técnicas o discurso combina estes pontos de vista individuais numa apresentação unificada. Em geral, a técnica envolve a repetição de pedaços maiores ou menores de informação, com ou

outras coisas, criar tipos de personagens, por meio dos quais ele transmite aspectos de sua visão de mundo. John Roth, por exemplo, afirma que Lucas usa “cegos, aleijados e pobres” como personagens típicos.² A minha tese neste artigo é que Lucas também usa o “proprietário de terra” como um personagem típico. Um narrador constrói o seu próprio mundo e, no caso de um historiador, idealmente deve haver uma correspondência entre o mundo do narrador e o mundo real que pretende descrever. Porém, ao selecionar acontecimentos, definir como descrevê-los, interpretar a realidade, escolher quais personagens retratar e como caracterizá-los, bem como ao emitir julgamentos indireta ou diretamente sobre grupos sociais específicos, o narrador está propondo ao leitor uma visão de mundo específica. Um narrador pode criar tipos que diferem do estereótipo das pessoas de sua sociedade ou que mantêm o estereótipo. De qualquer forma, o narrador usará personagens típicos e repetidos de forma a refletir os valores que ele deseja que seus leitores compartilhem.

Por meio da repetição, Lucas cria um personagem típico a quem podemos chamar de “proprietário de terras”, “chefe de família”, “οἰκοδεσπότης” ou “*pater familias*”. O restante deste artigo apresentará a análise desse personagem lucano típico. Depois de analisar os personagens identificados como ricos proprietários no Evangelho de Lucas, descobre-se que esses textos revelam três usos principais: (a) o proprietário de terras como representante de Deus ou de Jesus, (b) o proprietário de terras como um indivíduo egoísta que é punido por seu egoísmo, e (c) o proprietário de terras como alguém que compartilha seus bens e é abençoado por conseguinte. Antes de analisar essas ocorrências, entretanto, é importante ver como o “proprietário de terras” era visto na época em que Lucas escreve o seu evangelho.

1.1 Os proprietários de terra no Império Romano

Calcula-se que o grande orador Cícero (106-43 a.C.) deixou para os seus herdeiros uma fortuna avaliada em 10.000.000 sestércios, ou seja, o equivalente

sem variação. Adele Berlin, *Poetics and Interpretation of Biblical Narrative*. Almond: Almond, 1983, p. 73 (ver tb. p. 136).

² “O ponto de partida deste estudo é a observação de que, uma vez que duas das declarações programáticas de Jesus sobre o seu próprio ministério no evangelho de Lucas (4.18 e 7.22) reúnem os cativos, os quebrantados, os cegos, os surdos-mudos, os coxos, os leprosos, os mutilados, os mortos e os pobres, os leitores avaliariam os textos que se referissem a esses personagens em conjunto”. S. John Roth. *The Blind the Lame and the Poor: Character Types in Luke-Acts*. Sheffield: Sheffield Academic, 1997, p. 25. “No entanto, mesmo entre personagens antigos há distinções a serem feitas. Em Lucas-Atos, os cativos, os quebrantados, os cegos, os surdos-mudos, os coxos, os leprosos, os mutilados, os mortos e os pobres aparecem como tipos. Ou seja, eles não são personagens em si, nem mesmo personagens planos ou unidimensionais. Representam uma classe literária ou um tipo de pessoa de forma estereotipada... Os tipos estão entre os ‘aspectos esquematizados do texto’ que precisam ser preenchidos ou ‘concretizados’ pelo leitor” (p. 78-79).

a 2.500.000 denários. Calculando o dia de trabalho em 35 dólares, Cícero deixou uma herança estimada em 87.500.000 dólares.³

A posição equestre de Cícero indica que ele iniciou sua carreira como proprietário de uma propriedade no valor de pelo menos 400.000 sestércios. Seu patrimônio perto de Arpinum incluía, além de fazendas, uma despreziosa vila e uma casa em Roma, nas Carinas. Carcopino estima que Cícero possuía propriedades de mais de 10.000.000 sestércios. Havia oito vilas, duas ou três das quais parecem ter sido suntuosas; diversas pousadas (*deversoria*), estrategicamente localizadas para facilitar as viagens; diversas fazendas; e aluguel de imóveis em Roma (insulas e tabernas).⁴

Embora Cícero seja da época do final da República, essa descrição ilustra muito bem a realidade de que o principal bem que alguém poderia ter no 1º séc. AD eram bens imóveis, como casas, fazendas, vilas e apartamentos de aluguel.⁵

Temin apresenta um quadro mais completo de como era a economia no início da época do império:

Os rendimentos e os bens eram distribuídos de forma altamente desigual no início do Império Romano. Um grupo de elite muito pequeno no topo da sociedade e da economia, composto por várias centenas de “senadores” e várias dezenas de milhares de “cavaleiros” em uma população de cerca de 50 milhões, detinha grande riqueza – normalmente na forma de terras. No outro extremo da distribuição estavam agricultores e trabalhadores agrícolas, tanto livres como escravos. No meio, mais perto da base do que do topo, estava um grupo de comerciantes e trabalhadores de serviços qualificados e muitas vezes alfabetizados que forneciam bens e serviços variados para senadores e cavaleiros. Este grupo médio era demasiado pequeno para ser chamado de classe média; eles são mais bem considerados como trabalhadores qualificados. Qualquer

³ Frank Frost Abbott, *Cicero: Selected Letters*. Boston: Ginn and Co., 1909, xlii–xliii. Sobre as propriedades de Cícero, este autor diz: “Na verdade, uma grande parte foi investida em casas e vilas em Roma e nos distritos rurais da Itália. Além de sua casa no Palatino, que ele comprou do Sr. Crasso em 62 a.C. por 3.500.000 sestércios, Cícero possuía vilas em Arpinum, Tusculum, Antium, Astura, Formiae, Cumae, Putéoli e Pompeia, e alojamentos ao longo de algumas das estradas italianas mais frequentadas”.

⁴ Henry C. Boren, “The Sources of Cicero’s Income: Some Suggestions,” *The Classical Journal* 57, n. 1 (1961): 17–24, p. 17.

⁵ “Na Roma Antiga, o investimento imobiliário, sobretudo em propriedades rurais produtivas, fundamentou uma noção de riqueza privada que foi em grande parte forjada por uma mentalidade de elite. Esta linha de pensamento foi fundamentada pela relativa segurança econômica e pela perspectiva de longo prazo de crescimento estável tradicionalmente associada às propriedades agrícolas. Este discurso ideológico da classe alta, que permeou também outras camadas sociais, foi reforçado por um certo desrespeito pelas inseguranças e pelos elevados riscos do comércio marítimo, das aventuras financeiras e de outros negócios especulativos. O tratado *Sobre a Agricultura (De agricultura)*, do século II a.C., de Catão, o Velho, é considerado um dos textos seminais desta mentalidade”. Marta Garcia Morcillo e Cristina Rosillo López, *The Real Estate Market in the Roman World*. Abingdon: Routledge 2023 (e-book).

crescimento econômico pode ter sido capturado principalmente pelos muito ricos, enquanto as pessoas pobres podem ter sofrido à medida que o aumento dos contatos inter-regionais promoveu doenças.⁶

À medida em que Roma foi conquistando novas terras e escravizando mais pessoas, ela também aumentou o número de habitantes da cidade eterna e a necessidade de bens de subsistência. As famílias tradicionais e poderosas, bem como alguns poucos que conseguiam ascender na escala social, aumentavam a sua fome de mais riquezas especialmente na forma de imóveis. A concentração de bens se tornou cada vez maior e uma pequeníssima elite era proprietária de grande parte do império. A condição do proprietário ausente é, portanto, comuníssima no primeiro século e o papel do *villicus*, o escravo ou funcionário responsável por gerenciar uma propriedade na ausência do *pater familias*, é bastante conhecido e fundamental.

Em sua Sátira 14, Juvenal descreve esse desejo dos ricos romanos por vilas cada vez mais pomposas:

Centronius tinha paixão por construir; e ora na costa de Caieta, ora no pico mais alto de Tibur, ou nas colinas de Præneste, ele erguia os altos telhados de suas vilas, de mármore grego e rebuscado; superando o templo da Fortuna e de Hércules tanto quanto Posides, o eunuco, superou nosso Capitólio. Embora, portanto, ele esteja magnificamente alojado, Centrônio diminuiu sua propriedade e prejudicou sua riqueza. E, no entanto, a soma da porção que ele deixou não foi nada insignificante: mas tudo isso seu filho insensato dissipou construindo novas mansões de mármore mais caras que as de seu pai...

Enquanto isso, embora o saco fique cheio até a borda, o amor ao dinheiro cresce tão rápido quanto o próprio dinheiro cresce. E quem tem menos, também cobiça menos. Por isso você procura uma segunda moradia, já que uma propriedade não é suficiente para você e é a sua vontade alargar os seus territórios; e o campo de milho do seu vizinho lhe parece mais espaçoso e fértil do que o seu; por isso você trata de comprá-lo, com todos os seus bosques e a sua colina que embranquece com o seu denso olival. Mas se o seu dono não for persuadido a deixar suas posses por preço nenhum, então à noite, seus bois magros e seu gado com pescoços cansados, meio famintos, serão levados para seus campos de milho enquanto ainda verdes, e não desistirão deles, voltando às suas próprias casas antes que toda a colheita chegue até seus estômagos implacáveis – tão rente

⁶ Peter Temin, “The Economy of the Early Roman Empire”. *The Journal of Economic Perspectives* 20, n. 1 (2006): 133–51, p. 136. “As três classes ou ordens aristocráticas estabelecidas por lei e qualificações de propriedade, especialmente sob Augusto, eram chamadas de *honestiores* (“possuidores de honra”). Estes eram o *ordo senatorius* (“senadores”) e o *ordo equester* (“cavaleiros” ou equites) de Roma, e os *decuriões*, a aristocracia provincial. No primeiro século d.C., a maior parte da riqueza estava concentrada na pátria italiana, nas mãos dos senadores e cavaleiros. A riqueza em todas as três ordens era mantida principalmente na forma de terras – propriedades rurais trabalhadas por escravos e que forneciam os meios para o proprietário viver com luxo na cidade”. Duane F. Watson, “Roman Social Classes”, *Dictionary of New Testament Background: A Compendium of Contemporary Biblical Scholarship*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000, p. 1000.

que você poderia imaginar que já havia sido ceifada. Dificilmente se poderia dizer quantos teriam que reclamar de tratamento semelhante e quantos prejuízos imobiliários como este levaram à destruição.⁷

Essa situação de concentração da terra nas mãos de uma diminuta elite também ocorria na Palestina da época de Jesus, bem como a repetição da figura do proprietário ausente.⁸ Assim, mesmo na Palestina, a realidade é que muitos pequenos proprietários de fazendas perderam as suas propriedades para a elite local, para a elite romana e para o próprio império.⁹

Como a maioria da população do império era iletrada e, em geral, apenas as obras escritas por pessoas da elite foram preservadas, não temos muitos relatos que apresentem uma visão da opinião que a maioria das pessoas tinha a respeito desses abastados proprietários de terras que iam acumulando cada vez mais riquezas. Nisso os evangelhos bíblicos se destacam como testemunhos dessa opinião. Assim, o estudo do estereótipo “proprietário de terras” tem um valor histórico e, como abordamos na introdução, também tem um

⁷ Lewis Evans, *The Satires of Juvenal, Persius, Sulpicia, and Lucilius: Literally Translated into English Prose, with notes, chronological tables, arguments, etc.* New York: Harper and Brothers, 1881 (e-book). Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/50657/50657-h/50657-h.htm>. Acesso em: 5 set. 2023.

⁸ “Existe um cenário histórico por trás dos Evangelhos e da sua descrição do agregado familiar? David A. Fiensy (1991: 119-53) descreveu como as mudanças na propriedade da terra e o crescimento das grandes propriedades na Palestina no período herodiano afetaram a posição e a estrutura das famílias camponesas. Estas mudanças, que transformaram muitos agricultores em arrendatários ou os expulsaram completamente das terras, começaram na época helenística, mas aumentaram na época herodiana. Isto teve um considerável impacto na família camponesa e na estrutura de parentesco e vizinhança. A maioria dos acadêmicos concorda que houve uma ruptura gradual deste sistema, o que atribuem à escassez de terras, à diminuição das propriedades fundiárias e ao fato de muitos agricultores terem sido forçados a viver como trabalhadores assalariados. Este foi um processo de desintegração que gradualmente tornou impossível à família expandida cumprir a sua função, garantindo a subsistência dos seus membros. Como resultado, a aldeia e os vizinhos se tornaram mais importantes como relações socioeconômicas. Assim, um estudo das relações das famílias camponesas no período herodiano indica que elas estavam sob pressão, que a rede tradicional de clãs tinha desaparecido e que o complexo familiar alargado na maioria das áreas estava gravemente ameaçado”. Moxnes Halvor, *Constructing Early Christian Families: Family as Social Reality and Metaphor*. Abingdon: Routledge 1997, p. 25

⁹ “Cinco problemas principais constituem o pano de fundo para o declínio da economia agrária da Palestina sob os romanos. Uma parte considerável das terras era propriedade do Estado romano, situação que se tornou mais extensa do que pode ser documentado nos regimes anteriores. A tributação, conforme descrita nas fontes talmúdic, pressionava fortemente os agricultores. A usura, uma questão contrária às sacrossantas prescrições antigas, sobrecarregava a população agrária com estratégias e pretextos. As desapropriações tornaram-se frequentes e houve casos de fuga de proprietários e meeiros. Finalmente, as leis e costumes do casamento e da herança provocaram uma enorme repartição de propriedades. Mostra-se que o declínio foi causado não só pela opressão romana, mas também por fatores internos, que em conjunto provocaram a urbanização, por um lado, e a emigração, por outro”. Moshe Gil. “The Decline of the Agrarian Economy in Palestine under Roman Rule”. *Journal of the Economic & Social History of the Orient*, [s. l.], v. 49, n. 3 (2006): 285–328, p. 285.

valor teológico-prático inestimável. Dessa forma, nas próximas seções desse artigo analisaremos as maneiras pelas quais Lucas apresenta o proprietário de terra ao leitor.

1.2 *Deus e Jesus são representados em Lucas como proprietários*

Na maioria das vezes em que aparece um personagem que é proprietário de um campo no evangelho de Lucas, esse personagem representa simbolicamente o próprio Deus. Em Lucas 10.2, Deus é representado figuradamente como o κυρίου τοῦ θερισμοῦ, ou seja, o Senhor da seara, o dono da colheita. Aliás, é possível que o próprio Jesus seja aquele que está em vista nesse texto.¹⁰

Em Lucas 12.35-48, Jesus é representado como um κύριος (v. 36, 37, 41, 42 [2x], 43, 45, 46) que foi a uma festa de casamento. Esse κύριος tem escravos (δοῦλος; 37, 43, 44, 47) que devem estar prontos para lhe abrir a porta e servir assim que chegar, mesmo que seja durante a madrugada. Essa é a imagem de uma *domus* (casa) ou *familia romana*.¹¹ A disposição desse senhor de reverter papéis e assumir uma posição servil para servir seus escravos é inesperada e impressionante (v. 37).¹² Fica claro que o personagem do senhor representa o próprio Jesus por causa do versículo 40, em que Jesus diz: “Estejam também vocês preparados, porque o Filho do Homem virá à hora em que vocês menos esperam” (Lc 12.40). Antes desse versículo, no entanto, em Lucas 12.39, o pai de família (οἰκοδεσπότης) é aquele que deve vigiar para que o ladrão não o pegue desprevenido e roube a sua casa.

Pedro compreende que ele e os outros apóstolos são os escravos da parábola e pergunta se há outros que também são (Lc 12.41). Em resposta, Jesus conta uma segunda parábola. Nessa nova parábola ele é o Senhor que deixa os escravos sob os cuidados de um mordomo (οἰκονόμος), para que este lhes dê a porção diária de comida.¹³ Impressionam tanto a recompensa quanto o castigo ministrado pelo Senhor. Em caso de fidelidade por parte dos escravos, o senhor lhes confia todos os seus bens. Por outro lado, em caso de desleixo, egoísmo e abuso dos outros servos e servas por parte do mordomo, o texto diz

¹⁰ Rowe C. Kavin, *Early Narrative Christology: The Lord in the Gospel of Luke*. Berlin: De Gruyter, 2012, p. 133-134.

¹¹ Ver mais detalhes em Joel B. Green, *The Gospel of Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997, p. 498-499.

¹² “Ao retorno do senhor, os escravos são três vezes chamados de bem-aventurados (grego *makarios*, v. 37, 38, 43). Esse é um oxímoro curioso, pois a porção do escravo no mundo antigo – de fato, em qualquer mundo – era qualquer coisa, menos “bem-aventurada”. James R. Edwards, *The Gospel according to Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 2015, p. 379.

¹³ “O contexto para a história é uma propriedade de terra na palestina romana que é de posse de um senhor de escravos”. W. Harold Mare, *New Testament Background Commentary: A New Dictionary of Words, Phrases and Situations in Bible Order*. Ross-shire, UK: Mentor, 2004, p. 104.

literalmente que o Senhor “o cortará em duas partes¹⁴ e a parte dele com os infiéis será lançada” (διχοτομήσει αὐτὸν καὶ τὸ μέρος αὐτοῦ μετὰ τῶν ἀπίστων θήσει). Esse dono de terras, portanto, é representado como alguém exigente que faz seus escravos ficarem acordados até tarde enquanto ele está em uma festa e que desmembra os escravos principais que não trataram bem os demais escravos. Por outro lado, é um senhor que também serve os escravos que o esperaram fielmente e confia todos os seus bens aos escravos fiéis. Ele pune de maneira justa de acordo com o que cada escravo sabia que tinha que fazer (Lc 12.47-48). É uma caracterização ambivalente que claramente aponta para o próprio Jesus Cristo como o Filho do Homem que volta como um senhor que recompensa e pune de maneira radical.

O terceiro texto que apresenta um *pater familias* como uma figura de Deus é Lucas 13.6-9, a parábola da figueira estéril. Aqui, o homem da parábola é dono de um vinhedo (ἀμπελών), no qual ele plantou uma figueira que não está produzindo frutos. Ao procurar frutos na figueira por três anos e não encontrar, o dono do vinhedo manda seu viticultor (ἀμπελουργόν, v. 7) cortar a figueira: “... pode cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?” (v. 7).¹⁵ O viticultor, então, intercede pela figueira, dizendo que vai tratá-la com especial cuidado por um ano a fim de que ela produza e, caso isso não aconteça, então o dono poderá cortá-la. Novamente, temos um dono de terras representando Deus Pai no papel de alguém que exige aquilo que é seu direito e pune quando não recebe. Neste caso, entretanto, ele decide dar uma oportunidade graciosa àquela que merecia punição.¹⁶

No mesmo capítulo aparece mais uma representação de Deus como *pater familias* (Lc 13.22-30). A palavra que aparece no texto grego é οἰκοδεσπότης. Jesus ordena que seus seguidores se esforcem arduamente para entrar pela porta estreita, pois em certo momento o “dono da casa” vai fechar a porta e não deixará mais ninguém entrar a despeito de sua insistência. Fechada a porta,

¹⁴ “‘Cortar em dois’ refere-se ao desmembramento de uma pessoa condenada”. William Arndt et al., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 253. Para uma discussão mais detalhada, ver I. Howard Marshall, *The Gospel of Luke: a commentary on the Greek text*. Exeter: Paternoster Press, 1978, p. 543. “Dentro do contexto sócio-histórico da narrativa lucana, então, o retrato de recompensas e punições apresentado nos versículos 46–48 carrega o peso do realismo”. Green, *The Gospel of Luke*, p. 504. Blomberg sugere que um dos textos do Antigo Testamento que pode funcionar como contexto é Jeremias 34.18-20. Craig L. Blomberg, *Interpreting the Parables*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2012, p. 234.

¹⁵ “A árvore é duplamente culpada: não somente não produz o fruto que o dono está esperando, mas, além disso, empobrece o solo com suas raízes que consomem recursos. Assim, ela é inútil”. François Bovon, *Luke 2: A Commentary on the Gospel of Luke 9:51–19:27*. Minneapolis: Fortress, 2013, p. 271.

¹⁶ Para a interpretação de Jesus como o viticultor e outros aspectos da parábola, ver John T. Carroll, *Luke: A Commentary*. Louisville: Westminster John Knox, 2012, p. 280; Darrell L. Bock, *Luke: 9:51–24:53*. Grand Rapids: Baker Academic, 1996, p. 1209; William Hendriksen, *Lucas*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 209.

acontecerá um grande banquete dentro da casa com os patriarcas e pessoas de todos os cantos do mundo. Novamente, o próprio Jesus é representado como esse dono da casa que não deixa entrar no reino aqueles que praticam iniquidade.¹⁷

A próxima parábola que ilustra Deus como proprietário de uma casa é Lucas 14.15-24. Fica claro que se tem Deus em vista, pois a parábola é contada como resposta a uma afirmação sobre a bem-aventurança daqueles que comem no reino de Deus (βασιλεία τοῦ θεοῦ). Jesus então conta uma parábola em que certo homem (ἄνθρωπός τις, v. 16) que é definido como “senhor” (κύριος, v. 21, 22 e 23) e “dono de casa” (οἰκοδεσπότης, v. 21) convida muitas pessoas para um grande banquete. O problema é que essas pessoas, na hora em que foi anunciado que deveriam vir ao banquete, apresentaram desculpas para não ir.¹⁸ Considerando que muito provavelmente já haviam confirmado a sua presença, o que estão fazendo é uma desfeita séria que pode ser sido causada por uma espécie de decisão conjunta de não comparecerem na festa.¹⁹ Novamente, temos a figura de um *pater familias* bastante exigente que se ira (ὀργισθεῖς, Lc 14.21), obriga (ἀνάγκασον, v. 23) pessoas a entrar em seu banquete e não dá uma segunda oportunidade para aqueles que primeiro se negaram a vir (v. 24).

A parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32) também apresenta Deus no papel de certo homem (ἄνθρωπός τις) que é um bem-sucedido pai de família.²⁰ A parábola coloca grande ênfase no papel de pai (πάτερ, v. 12 [2x], 17, 18 [2x], 20, 21, 22, 27, 28, 29). As posses deste homem são chamadas de οὐσίας

¹⁷ “Proprietário” evidentemente se refere a Jesus em vez de Deus, pois o proprietário comeu na presença deles e ensinou em suas ruas (Lc 13.26)”. Robert H. Stein, *Luke*. Nashville: Broadman & Holman, 1992, p. 379.

¹⁸ “As desculpas foram ridículas. Você não faz negócios financeiros dessa magnitude sem ter avaliado o valor do imóvel adquirido. Você não aceita um convite para um banquete que esteja em conflito com um casamento. Jesus estava mostrando como é fácil e absurdo que as finanças e os assuntos familiares atrapalhem as coisas mais importantes. Eles podem fazer com que você perca o último banquete celestial de Deus”. Trent C. Butler, *Luke*. Holman New Testament Commentary, vol. 3. Nashville, TN: Broadman & Holman, 2000, p. 237. “O que os três compartilham é uma desculpa esfarrapada extraordinária. O objetivo delas é parecer ridículo ao ouvinte e apontar o absurdo de qualquer desculpa para rejeitar o chamado de Deus para o seu reino. No nível da história, as rejeições são quase inconcebíveis”. Blomberg, *Interpreting the Parables*, p. 304.

¹⁹ Cf. Hendriksen, *Lucas*, p. 252; Bock, *Luke: 9:51–24:53*, p. 1272–1273. “O que se segue, no entanto, é um completo desmoronamento do banquete conforme planejado. O habitual convite antecipado para a ocasião, como seria de esperar numa cultura de aldeias tão próximas, aparentemente permitiu a troca de fofocas sobre a refeição, a lista de convidados e o anfitrião. Caso contrário, a circunstância de convites 100% recusados é totalmente improvável. A parábola passa a narrar uma conspiração de recusas de comparecimento de última hora, desonrando intencionalmente o anfitrião da refeição”. Carroll, *Luke*, p. 303.

²⁰ Kenneth E. Bailey, *Poet & Peasant and Through Peasant Eyes: A Literary-Cultural Approach to the Parables in Luke*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983, p. 158–159; Brad H. Young, *The Parables: Jewish Tradition and Christian Interpretation*. Grand Rapids: Baker Academic, 2012, p. 130.

(v. 12), βίον (v. 12, 30) e ἀγρῶν (v. 25).²¹ O homem tem trabalhadores assalariados (μισθοιοι) e servos (παίδων), os quais têm fartura de pão (v. 17, 26). Mesmo depois de ter ajuntado o dinheiro referente a um terço de tudo quanto tinha, ele ainda tem condições de prover boa roupa, anel e sandália para o filho (v. 22) e matar um novilho cevado (τὸν μόσχον τὸν σιτευτόν) para comemorar sua volta para casa (v. 23), fazendo assim uma grande festa com música e danças (v. 24-25). Em suma, mais uma vez temos uma caracterização de Deus como um dono de terra, mas, desta vez, não há uma ênfase na exigência estrita, mas sim em seu amor, compreensão e desejo de ter ambos os filhos em comunhão consigo.

Naquela que é possivelmente a parábola mais difícil de Lucas, a do administrador infiel (Lc 16.1-13), também se encontra a representação de Deus como um certo homem que era rico (ἄνθρωπός τις ἦν πλούσιος).²² Ao longo da parábola esse homem também é chamado de senhor (κύριός, v. 3, 5 [2x]).²³ Ele tem um administrador infiel (τὸν οἰκονόμον τῆς ἀδικίας).²⁴ Este estava desperdiçando (διασκορπίζων) os seus bens (ὑπάρχοντα αὐτοῦ), mas a parábola

²¹ É possível que Lucas tenha usado “μέρος τῆς οὐσίας” (Lc 15.12) na boca do filho e “τὸν βίον” (Lc 15.12) para se referir àquilo que o Pai lhes repartiu a fim de enfatizar a personalidade, sacrifício e esforço feitos pelo Pai. Cf. Klyne Snodgrass, *Stories with Intent: A Comprehensive Guide to the Parables of Jesus*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008, p. 130; Bovon, *Luke 2*, p. 425; Edwards, *The Gospel according to Luke*, p. 439.

²² “Em resumo, é evidente que o cenário cultural mais provável para a parábola é o de uma propriedade fundiária com um administrador que tinha autoridade para conduzir os negócios da propriedade. Os devedores eram provavelmente arrendatários, *hakirîn*, que concordaram em pagar uma quantia fixa de produtos pelo aluguel anual. O administrador estava, sem dúvida, fazendo extras ‘por baixo da mesa’, mas esses montantes não foram refletidos nas contas assinadas. Ele era um funcionário assalariado que, além disso, recebia dos locatários uma taxa específica para cada contrato. O mestre era um homem de caráter nobre, respeitado na comunidade, que se importava o suficiente com sua própria riqueza ao ponto de demitir um gerente perdulário”. Bailey, *Poet & Peasant and Through Peasant Eyes*, p. 94.

²³ Blomberg faz as seguintes considerações a partir desse texto: “(1) Todo o povo de Deus será chamado a avaliar a natureza de seu serviço a ele. (2) A preparação para esse acerto de contas deverá envolver uma utilização prudente e astuta de todos os nossos recursos, especialmente na área das finanças. (3) Tal prudência e astúcia, demonstrando uma vida de verdadeiro discipulado, serão recompensadas com vida eterna e alegria”. Blomberg, *Interpreting the Parables*, p. 226.

²⁴ Cato apresenta, entre outras, as seguintes responsabilidades de um administrador (*vilicus*): “...manter a disciplina...respeitar os direitos dos outros e defender firmemente os seus próprios... se alguém estiver em falta, deve ministrar punição. Ele deve cuidar para que ninguém no local passe necessidade ou tenha falta de comida ou bebida; a este respeito, ele pode se dar ao luxo de ser generoso, pois assim evitará mais facilmente a colheita e o roubo... A menos que o feitor tenha uma mente maligna, ele próprio não cometerá nenhum mal, mas se permitir o mal de outros, o mestre não deve permitir que tal indulgência passe impunemente... Ele não deve emprestar dinheiro a ninguém sem ser a pedido do mestre, mas o que o mestre emprestou ele deve cobrar... Ele deve declarar suas contas com seu mestre frequentemente. Ele não deve manter nenhum empregado ou diarista por mais tempo do que o necessário. Ele não deveria vender nada sem o conhecimento do mestre, nem deveria esconder nada do mestre. O primeiro a acordar pela manhã, ele deve ser o último a ir para a cama à noite... Lembre-se que embora o trabalho possa parar, as despesas ainda continuam”. Cato, *Agr 1.5*.

não deixa claro se por incompetência ou por corrupção. Antes de sair de seu posto, o administrador infiel convoca alguns dos arrendatários do seu patrão e lhes concede impressionantes abatimentos de suas dívidas, a fim de que eles, depois, possam ajudá-lo em seus momentos de necessidade.²⁵ Considerando que somente depois dessa atitude o administrador é chamado de infiel, fica claro que ele agiu de maneira corrupta ao fazer esse acordo. O proprietário da fazenda, no entanto, fica mais impactado pela esperteza do administrador do que por sua corrupção, e o elogia. Ao final (Lc 16.9-13), Jesus aplica a parábola aos seus discípulos dizendo-lhes que usem as riquezas deste mundo para abençoar outras pessoas, pois as riquezas deste mundo (que de alguma forma sempre tem origem injusta) não devem ser amadas em lugar de Deus, mas utilizadas para o bem de outras pessoas. Essa parábola, portanto, apresenta Deus como o proprietário supremo de toda riqueza e também incentiva o leitor a usar os seus bens para cuidar de outras pessoas.

Outro texto que usa a figura do dono de um campo para representar a Deus é Lucas 17.7-10. Jesus faz uma pergunta retórica que revela muito do contexto e das expectativas do relacionamento entre senhores e escravos naquela época. O texto deixa claro que era esperado que o servo que trabalhou o dia todo no campo, ao voltar para casa, preparasse a refeição e servisse o seu senhor durante a refeição para, somente então, o escravo comer e beber.²⁶ No caso dessa parábola,

²⁵ Snodgrass nos ajuda a compreender vários pontos relacionados ao contexto histórico: “O valor das dívidas é muito grande, embora as sugestões sobre os números exatos sejam variadas. Cem batos de óleo (um bato é uma unidade de medida) seria equivalente a cerca de 3.000 ou 3.400 litros, o rendimento de possivelmente 150 oliveiras e equivalente ao salário de cerca de três anos do trabalhador médio. Cem coros de trigo equivaleriam a quase 1.100 alqueires, provavelmente o suficiente para alimentar 150 pessoas durante um ano, a produção de 100 acres, e equivalente a sete anos e meio de trabalho para o trabalhador médio. Em casa caso, o mordomo reduziu a conta no mesmo valor, cerca de 500 denários ou o salário de mais de dois anos de um diarista. A parábola fala de negócios bastante grandes. Nenhuma das pessoas envolvidas é um camponês pobre, nem mesmo pessoas com rendimentos médios. Muito provavelmente a parábola pressupõe que os devedores se comprometeram a cultivar a terra do senhor e a dar-lhe uma parte da produção. Outra possibilidade é que os devedores poderiam ser distribuidores, mas isto parece menos provável. O homem é quase certamente um agente e não um escravo. Um escravo não seria simplesmente demitido do serviço, mas receberia alguma forma de punição e seria designado para um trabalho desagradável”. Snodgrass, *Stories with Intent*, p. 406.

²⁶ “Nenhum mestre que se preze consideraria convidar seu servo para comer antes dele. Nem o senhor agradecerá ao servo no sentido da expressão aqui usada (ἔχει χάριν τῷ), que significa ‘colocar o senhor em dívida com o escravo’. A conclusão no v. 10, contudo, desvia a atenção do mestre e encoraja os membros da audiência de Jesus a se colocarem na posição do servo. Agora, a resposta com a qual eles concordaram tacitamente se volta contra eles e exige que reconheçam sua indignidade diante de Deus. Eles aceitaram de bom grado que os servos deveriam colocar seus senhores antes de si mesmos, mesmo que nem sempre tivessem vontade. Agora eles são forçados a admitir que é assim que devem se comportar diante de Deus, mesmo que não tenham nenhuma vontade!” Blomberg, *Interpreting the Parables*, p. 351. Marshall, de forma bem clara, nos ajuda a compreender a mensagem do texto: “O desempenho do dever não torna ninguém merecedor de recompensa. Assim, da mesma forma, quando os discípulos tiverem concluído tudo que Deus ordenou a eles, ainda assim eles não têm nenhuma reivindicação sobre ele”. Marshall, *The Gospel of Luke*, p. 645.

o fato de o mesmo servo ser aquele que trabalha no campo e que serve o seu dono ilustra um proprietário de não muitos bens, pois aqueles que eram mais ricos tinham diversos escravos desempenhando diferentes tarefas.

Finalmente, uma última parábola em que Deus é retratado como proprietário de terras encontra-se em Lucas 20.9-18, onde um certo homem (ἄνθρωπος [τις]) planta uma vinha como investimento e a arrenda a uns lavradores que deveriam, evidentemente, pagar a ele pelo arrendamento. O homem é chamado de o senhor da vinha (ὁ κύριος τοῦ ἀμπελῶνος, Lc 20.13, 15) e ele tem diversos escravos que viajam às suas custas e um filho que é seu herdeiro. Uma vez que os arrendatários maltrataram os escravos e assassinaram o filho do senhor da vinha, ele os destrói (ἀπολέσει) e passa a vinha para outros.²⁷

A partir dessa breve análise do uso da figura do dono de terras aplicada a Deus, podemos chegar às seguintes conclusões. Em primeiro lugar, Lucas pressupõe os direitos quase absolutos do *pater familias*, o que era tão comum naquela época. Um οἰκοδεσπότης tem totais direitos sobre a sua casa, a qual inclui, além de sua família e escravos domésticos, os administradores e escravos de suas propriedades distantes. Nas parábolas analisadas até aqui, o senhor da casa exerce uma liderança estrita e exigente que pune com rigor aqueles servos que não agem da maneira esperada. Ao mesmo tempo, esse senhor é extremamente generoso com os seus escravos que desempenham bem o seu papel. Além disso, em plena harmonia com as expectativas da época, várias vezes encontramos esse senhor exercendo hospitalidade por meio da promoção de banquetes para os seus convidados. Este senhor demonstra amor paternal para com os seus filhos, hospitalidade para com os amigos e generosidade exigente para com os seus escravos.

Em segundo lugar, por meio do uso insistente do personagem típico dono de propriedades como representando Deus, Lucas está propondo que Deus é o verdadeiro dono da terra. Todo *pater familias* romano não passa de um arrendatário da terra que, em última instância, pertence ao próprio Deus. Dessa forma, este primeiro uso do personagem dono da terra não se encontra no texto para ser imitado pelos leitores, mas para que estes aprendam o ponto

²⁷ “Como observado acima, Lucas usa a parábola para destacar vários pontos importantes. Primeiro, ela ilustra o contraste entre o povo (λαός), que Lucas já descreveu como tendo uma disposição favorável em relação a Jesus, e os seus líderes, que não tem. A repulsa que as pessoas expressam pela história de intriga e assassinato de Jesus se alinha com Jesus, assim como, mais tarde, uma multidão simpática expressará o seu horror pela morte de Jesus através de atos de luto (23.48). Mas a conclusão da parábola de Jesus e o restante do evangelho de Lucas deixam claro que uma história muito semelhante à história da vinha será encenada, com a elite sacerdotal desempenhando o papel dos arrendatários. A descrição de Lucas da reação do povo no v. 17b faz parte de sua preparação para a narrativa da paixão, em que Lucas distingue os interesses do povo dos interesses dos líderes. Em segundo lugar, Lucas usa a história para introduzir um princípio de julgamento de que a reação de alguém a Jesus como o Cristo definirá o seu destino, para o bem ou para o mal”. John S. Kloppenborg, *The Tenants in the Vineyard*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 217-218.

teológico fundamental de que Deus é o dono da terra (Lv 25.23; Sl 24.1; Sl 50.10-12; Dt 10.14; 1Co 10.26).

Existem outras parábolas e histórias em Lucas que usam o mesmo personagem típico, mas não o fazem representar o próprio Deus. A nossa tese é que essas outras parábolas, entre outros ensinamentos mais centrais, têm como objetivo secundário ensinar uma ética de propriedade de terra. Ou seja, considerando que Deus é o verdadeiro dono da terra, aqueles que possuem terra abaixo dele devem usar suas propriedades de forma agradável a Deus. Lucas apresenta esse ponto por meio de personagens que são repreendidos por um uso egoísta de seus campos e elogiando aqueles que usam suas casas e propriedades de maneira a beneficiar outros além de si mesmos. Vejamos o primeiro grupo na próxima seção.

1.3 O proprietário egoísta é repreendido

Uma segunda maneira pela qual o personagem típico “dono de terras” é utilizado por Lucas é apresentando-o, não como uma figura que aponta para Deus, mas como um exemplo negativo de alguém que usa suas posses apenas para benefício próprio e é, conseqüentemente, punido.

A primeira vez em que isso acontece é quando um fariseu convida Jesus para comer em sua casa, em Lucas 7.36-50.²⁸ Apesar do convite a Jesus, o contraste entre o tratamento que a mulher deu a Jesus e a falta de cuidados básicos de hospitalidade por parte do fariseu deixa claro que o objetivo do convite não era compartilhar amorosamente a sua casa, mas tinha a finalidade de testar Jesus.²⁹

Em Lucas 12.13-21, um homem do meio da multidão pede a Jesus que ordene a seu irmão repartir a herança (τὴν κληρονομίαν) com ele. A partir do escasso contexto, é impossível saber se o pedido é justo ou não. Impressiona, no entanto, a resposta de Jesus, que vem em três pontos. Primeiro, Jesus o chama, de modo um tanto distante, de “homem”, e com uma pergunta retórica afirma que não foi colocado como juiz ou repartidor entre os irmãos. Segundo, Jesus adverte fortemente contra toda avareza (πάσης πλεονεξίας), contra o amor ao dinheiro, pois a vida (ζωή) é mais do que os bens materiais (ὑπαρχόντων).³⁰

²⁸ “Jesus não demonstrou nenhuma reticência em aceitar o convite; o fato de que ele estava especialmente interessado em pessoas desprezadas, não significa que ele não tivesse interesse pelos membros mais respeitados da sociedade; eles também precisavam do evangelho”. Marshall, *The Gospel of Luke*, p. 308.

²⁹ “Ainda assim, comparadas ao protocolo geral das festas judaicas (Gn 18.1–8!), e, especialmente, comparadas à hospitalidade extravagante da mulher pecadora, as boas-vindas de Simão a Jesus parecem decididamente frias. A mulher que penetrou na festa foi a verdadeira hospedeira de Jesus”. Edwards, *The Gospel according to Luke*, p. 230.

³⁰ “Jesus detectou um desejo cobiçoso por trás do pedido do homem de repartição da herança...” Edwards, *The Gospel according to Luke*, p. 370.

Em terceiro lugar, Jesus conta a parábola do homem rico (Lc 12.16-21). Nessa parábola, evidentemente, o dono da casa não representa Deus – até porque Deus aparece na parábola como personagem.³¹ A parábola é sobre um certo homem rico (ἀνθρώπου τινὸς πλουσίου) cujo campo (ἡ χώρα) teve uma colheita tão abundante que não havia lugar onde conseguisse guardá-la. Ao pensar sobre o seu “problema”, o homem rico decide destruir os atuais celeiros (ἀποθήκας) e construir outros maiores, a fim de guardar nos novos celeiros não somente o seu trigo, mas também os seus bens (πάντα τὸν σῖτον καὶ τὰ ἀγαθά μου). Com esse plano em mente, o próximo grande ato do homem rico seria dizer para si mesmo: “Você tem em depósito muitos bens para muitos anos; descanse, coma, beba e aproveite a vida” (ψυχὴ, ἔχεις πολλὰ ἀγαθὰ κείμενα εἰς ἔτη πολλά ἀναπαύου, φάγε, πίε, εὐφραίνου, Lc 12.19). Após falar sobre a morte do homem sem ter tempo de empreender os seus planos e aproveitar os seus bens, Jesus aplica a parábola dizendo: “Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (οὕτως ὁ θησαυρίζων ἑαυτῷ καὶ μὴ εἰς θεὸν πλουτῶν, Lc 12.21).³² Assim como os personagens que vimos no ponto anterior, esse personagem da parábola é um *pater familias*. Diferente dos demais, no entanto, este não representa a Deus, mas sim um indivíduo egoísta que a despeito dos muitos bens que tem, não pensa em ninguém mais além de si mesmo.³³

Em uma das parábolas anteriores que analisamos, a do senhor que envia convites de jantar e cujos convidados desmarcam na última hora (Lc 14.15-24), há dois personagens da parábola que merecem a nossa atenção aqui, pois eles também são proprietários de campos e são apresentados como exemplos negativos. É o caso dos dois primeiros convidados que decidem não ir à festa. O primeiro comprou um campo (ἀγρὸν) e decidiu ir visitar a sua nova propriedade bem na data agendada para o banquete (Lc 14.18). O segundo comprou “cinco juntas de bois” ou “cinco jugos de bois” (ζεύγη βοῶν ἡγόρασα πέντε) e decide experimentá-los. Nos dois casos, as posses materiais de pessoas abastadas impediram-nas de aceitar o convite do Senhor para fazer parte do banquete que ilustra o reino de Deus.

A última parábola é a famosa história do rico e Lázaro (Lc 16.19-31). Mais uma vez temos um homem rico (Ἄνθρωπος δέ τις ἦν πλούσιος, Lc 16.19)

³¹ “Essa é a única parábola do NT em que Deus aparece como um ator na narrativa”. Snodgrass, *Stories with Intent*, p. 394.

³² “Jesus não estava usando o fazendeiro rico como uma lente para algum outro assunto, mas como um exemplo negativo de um homem que tolamente confia em suas posses, alguém que perde a vida por presumir que as posses são a vida”. Snodgrass, *Stories with Intent*, p. 397.

³³ “Não somente a história é silente a respeito do relacionamento do homem com Deus, mas ela também o apresenta como não pensando em ninguém além de si mesmo. O uso repetido do pronome “eu” em um contexto de egoísmo é, talvez, a característica mais impressionante dessa passagem. Blomberg, *Interpreting the Parables*, p. 360.

como personagem principal e exemplo negativo. Ele é chamado três vezes de ‘rico’ (πλούσιος, v. 19, 21, 22). A descrição desse homem mostra um nível imperial de riqueza nas vestes e nas festas. A porta da casa desse homem é um πύλων, ou seja, “uma entrada que contém um ou mais portões, um portal, uma entrada, um portão, especialmente dos portões de entrada grandes e impressionantes de templos e palácios” (BDAG, 897). A última evidência da riqueza desse homem está nas palavras de Abraão para ele: “... você recebeu os seus bens durante a sua vida” (μνήσθητι ὅτι ἀπέλαβες τὰ ἀγαθὰ σου ἐν τῇ ζωῇ σου). O que impressiona nessa parábola é que sem nenhum motivo específico além do fato de ostentar ser abundantemente rico e ter um mendigo carente à sua porta, esse homem vai para o inferno, enquanto o pobre Lázaro vai para o céu.³⁴

Nesse segundo grupo de parábolas, o personagem típico “dono de propriedades” é apresentado não como representando Deus, mas como um *pater familias*, dono de propriedades, que usa sua propriedade com fins egoístas, ou não altruístas, e sofre as consequências de sua atitude. Essas consequências vão desde uma reprimenda vergonhosa por parte de Jesus até tormentos infernais. Assim, por meio desses exemplos, Jesus desafia os donos de terras e casas de todas as épocas a não pensarem apenas em si mesmos. O próximo grupo de textos faz o mesmo, mas, desta vez, usando a via positiva.

1.4 O proprietário que reparte é elogiado

O terceiro uso que Lucas faz do personagem paradigmático “proprietário de terra” é um uso que também não aponta para Deus, mas para exemplos positivos a serem seguidos.

Em Lucas 5.29, Levi (Mateus), um publicano (τελώνην) chamado por Jesus como seu seguidor oferece “um grande banquete em sua casa; e era grande o número de publicanos e outras pessoas que estavam com eles à mesa” (Καὶ ἐποίησεν δοχὴν μεγάλην Λευὶς αὐτῷ ἐν τῇ οἰκίᾳ αὐτοῦ, καὶ ἦν ὄχλος πολλὸς τελωνῶν καὶ ἄλλων οἱ ἦσαν μετ’ αὐτῶν κατακείμενοι).³⁵ Sendo um publicano, Mateus era certamente alguém de muitas posses e isso fica confirmado pelo tamanho da recepção que ele oferece em sua casa. Destaca-se aqui, no entanto, não a ostentação de Mateus, mas sua hospitalidade.³⁶

³⁴ Blomberg apresenta da seguinte forma os dois pontos dessa parábola: “(1) Um acúmulo puramente egoísta de posses materiais é incompatível com o verdadeiro discipulado. (2) Essa incompatibilidade deriva da transitoriedade das riquezas terrenas e do acerto de contas vindouro que todos terão de enfrentar diante de Deus”. Blomberg, *Interpreting the Parables*, p. 361.

³⁵ “Não incomoda Lucas o fato de que Levi, que abandonou tudo, ainda possuía uma casa e possa dar um jantar. Segundo o código ético de Lucas, confirmado em Atos, os cristãos não abandonam tudo no sentido literal, mas colocam tudo à disposição da igreja.” François Bovon e Helmut Koester, *Luke 1: A Commentary on the Gospel of Luke 1:1–9:50*. Minneapolis: Fortress, 2002, p. 190.

³⁶ “Levi deixa uma coisa bem clara: uma celebração alegre é uma resposta adequada a uma vida transformada por causa de um convite inesperado para fazer parte do grupo de Jesus. Acontece que isto

Tanto o aspecto negativo quanto o positivo são representados em Lucas 14.1-14. Um dos fariseus mais importantes (ἀρχόντων [τῶν] Φαρισαίων) convida Jesus para um banquete em sua casa (14.1). Tudo naquele banquete, como era típico dos banquetes da época, diz respeito a egoísmo. Todos, tanto os convidados quanto o anfitrião, tinham o objetivo de usar o banquete como uma oportunidade de conseguir mais honra para si, visando galgar posições na escala social. Jesus trata desses anseios. Primeiro, reparando na disputa que estava ocorrendo pelos lugares mais destacados (πρωτοκλισίας) à mesa (14.7), recomenda aos convidados que adquiram o costume de escolher os lugares menos honrosos (ἀνάπεσε εἰς τὸν ἔσχατον τόπον) e, dessa forma, eles poderão ser honrados se o dono da casa vier chamá-los para ocupar um lugar melhor à mesa. Depois disso, Jesus se volta para o principal dos fariseus que o havia convidado e diz para, ao fazer um banquete, convidar não aqueles que poderiam retribuir o feito (amigos, irmãos, parentes, vizinhos ricos), mas, em vez disso, aqueles que não teriam como lhe retribuir, ou seja, “os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos” (Lc 14.13).³⁷ Neste caso, a recompensa será recebida na ressurreição dos justos. Esse é um exemplo interessante, pois temos um homem que estava exercendo hospitalidade para com Jesus e outras pessoas, mas, aparentemente, o critério da escolha dos convidados era um critério egoísta, ou seja, “quem pode me recompensar por este convite?”. Esse era o padrão comum da época, tanto na cultura judaica, quanto na greco-romana. Jesus subverte esse padrão e conclama aquele importante fariseu a convidar pessoas normalmente consideradas desprezíveis, pois seria uma maneira de fazer um investimento cujo prêmio viria no futuro.

A última ocorrência de um proprietário de casa bem-sucedido apresentado como exemplo positivo é a de Zaqueu em Lucas 19.1-10.³⁸ Ele é

é paradigmático para o ministério de Jesus (por exemplo, 7.34; 15.1-2, 6, 9, 23-24). Símbolos da participação no reino de Deus, as refeições também se tornam ocasião de conflito entre Jesus e os fariseus (7.36-50; 11.37-52; 14.1-24)”. Carroll, *Luke*, p. 133.

³⁷ “A participação na vida futura do reino de Deus – uma vida duradoura, iniciada por meio da ressurreição dos justos – não é uma questão de promover os interesses sociais e de status nesta vida, mas sim o fruto de uma vida de hospitalidade generosa, que procura honrar precisamente aqueles que não têm nada de bom a oferecer (retomando assim o apelo moral de 6.27-36), exceto o que Deus oferecerá em seu favor. No processo, o custo substancial da perda de prestígio social traz consigo uma bênção futura imprevista.” Carroll, *Luke*, p. 301.

³⁸ “A história final do longo relato de Jesus em sua viagem a Jerusalém pretende ser um clima no seu ministério e traz à tona vários aspectos notáveis que Lucas considerou importantes. É um exemplo supremo da universalidade da oferta evangélica aos cobradores de impostos e aos pecadores, com Jesus tomando a iniciativa e convidando-se para a casa de Zaqueu. Ao fazê-lo, Jesus certamente estava respondendo ao interesse demonstrado por Zaqueu por ele, mas a ação decisiva, ao contrário de tudo o que se esperaria naquele momento, partiu de Jesus. Zaqueu, por sua vez, responde com alegria, bem como com a promessa de usar a sua riqueza, honesta e ilícita, para ajudar os pobres e compensar os seus antigos maus hábitos; desta forma, o significado do discipulado, especialmente no que diz respeito à

apresentado como sendo um chefe dos publicanos (ἀρχιτελώνης) e rico (καὶ αὐτὸς πλούσιος).³⁹ Além de hospedar Jesus em sua casa, Zaqueu é apresentado como um exemplo positivo por decidir dar metade dos seus bens aos pobres (ἰδοὺ τὰ ἡμίσιά μου τῶν ὑπαρχόντων, κύριε, τοῖς πτωχοῖς δίδωμι) e restituir quatro vezes às pessoas que ele havia prejudicado injustamente (καὶ εἴ τινός τι ἔσυκοφάντησα ἀποδίδωμι τετραπλοῦν). Diante dessa atitude, Jesus exclama “Hoje houve salvação nesta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19.9-10).

Cada οἰκοδεσπότης desse grupo de textos demonstra algum tipo de uso altruísta de sua casa e riquezas e é recompensado. Um proprietário que entende que Jesus é o verdadeiro dono da terra passa a usar a suas propriedades de forma a beneficiar não somente a si mesmo, mas também a obra empreendida por Jesus e os necessitados a quem Jesus continuamente servia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos no começo e no título, o presente é a segunda parte de um artigo que foi publicado no número anterior de *Fides Reformata*. No artigo anterior nos limitamos a fazer uma análise crítica introdutória da Teologia da Libertação e seus métodos de interpretação bíblica. Sobre a primeira parte, podemos concluir que a Teologia da Libertação não leva em consideração a forma final do cânon e faz uma leitura por trás do texto que depende de uma reconstrução imaginativa de um Jesus criado à imagem e semelhança dos heróis do marxismo. Além disso, a Teologia da Libertação não interage seriamente com o texto bíblico por meio de exegese. Como resultado, ela propõe uma atuação eclesial no mundo mais baseada em ideologia marxista do que naquilo que Jesus realmente ensinou com suas palavras e exemplo. Na Teologia da Libertação o texto bíblico é somente secundário, funcionando como um mero subterfúgio para se propor o que a ideologia previamente escolhida demanda. Nesse sentido, a Teologia da Libertação não pode de forma alguma ser chamada de bíblica, pois ela despreza as Escrituras e opta pela sociologia, pela ideologia marxista, por documentos oficiais católico-romanos e por uma

riqueza, é claramente expresso”. Marshall, *The Gospel of Luke*, p. 694. Também: “É uma história em que múltiplos temas lucanos se acotovelam e se interligam: o caminhar, a riqueza, o desejo de ver, a inversão de valores, os encontros, a salvação como acontecimento atual e a identidade e missão de Jesus.” Bovon, *Luke 2*, p. 592.

³⁹ “Zaqueu era um ‘chefe dos cobradores de impostos’, talvez um dos publicanos romanos que trabalhava diretamente para o estado imperial, em vez de funcionar como intermediário, como aconteceu com Levi/Mateus. Havia uma boa chance, portanto, de que ele fosse extremamente rico, mas, em parte, às custas do povo judeu comum e, sem dúvida, exigindo lucros exorbitantes.” Craig L. Blomberg, *Neither Poverty nor Riches: A Biblical Theology of Material Possessions*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999, p. 140.

abordagem histórico-crítica do Jesus histórico como fontes de autoridade em detrimento da Palavra de Deus.

Assim como outros movimentos heterodoxos na história da igreja, no entanto, a Teologia da Libertação desempenha um papel importante em provocar a discussão a respeito da concepção bíblica das posses materiais, em especial da posse da terra. O que Deus pensa sobre esse assunto e como a igreja deve agir em relação ao problema real da concentração de terras nas mãos de uns poucos proprietários em detrimento de uma massa de pessoas pobres?

A resposta introdutória que apresentamos neste artigo é que o evangelho de Lucas, por meio do uso do personagem típico "proprietário de terras", propõe, em primeiro lugar, que Deus é o verdadeiro dono da terra. Ele é o *οικοδεσπότης* por excelência e toda a propriedade humana de terra é derivada dessa realidade fundamental. Dessa forma, Lucas resgata e desenvolve uma das afirmações centrais do jubileu de Levítico 25: "A terra é minha" (Lv 25.23). Da mesma forma como em Levítico, esse ponto teológico fundamental tem implicações éticas sobre como alguém deve usar a terra que em última instância pertence a Deus.

Lucas confirma o direito à propriedade privada, mas afirma que juntamente com este deve existir por parte do fiel um senso de que a terra pertence *de facto* a Deus. Portanto, qualquer campo ou casa que for por Deus confiada a alguém deve ser utilizada para servir o reino de Deus por meio de hospitalidade, de uma produção de riquezas que abençoe não somente o proprietário, mas outras pessoas também ou da destituição voluntária para investir em outras pessoas. Aqueles que, em vez de usarem seus bens imóveis para beneficiar a outros, os usarem apenas para si mesmos, usufruindo sozinhos dos seus frutos e abundância, serão punidos. O verdadeiro Proprietário de terra vai julgar e recompensar ou punir as pessoas a partir desse critério: se o uso que fizeram da propriedade a eles confiada foi egoísta ou altruísta. Embora o foco deste artigo não tenha sido o livro de Atos dos Apóstolos, creio que essa é a mesma mensagem do segundo volume lucano.

Assim, em vez de se engajar na luta pela reforma agrária, o papel da igreja e dos cristãos deve ser ensinar e praticar a ética do jubileu, demonstrando que somente entrando em um relacionamento pessoal com o Jesus Cristo ressurreto por meio da conversão torna-se possível trocar o egoísmo agrário por um verdadeiro altruísmo servidor.

ABSTRACT

This paper serves as a continuation of a study on the interconnections between the Landless Workers' Movement (MST) and the Catholic Church, beginning with a critical analysis of Liberation Theology and its hermeneutical challenges. This second part employs narrative analysis and historical-scientific analysis to demonstrate that, by repeatedly presenting characters who are

wealthy landowners and/or homeowners, Luke is advancing a theological proposition and an ethical one. The theological proposition is that God is the rightful owner of all land (as an economic good). The ethical thesis is that, since God is the land's quintessential owner, any human being who possesses real estate must use it altruistically as opposed to selfish practices. Therefore, this study not only advances the dialogue between theology and social practice, but also offers invaluable insights for ecclesiastical reflection on land ownership.

KEYWORDS

Gospel of Luke; Landowner; Narratology; Characterization; Roman agrarian economy; MST; Liberation theology; Land reform.